

8

Últimas considerações

Parece-me importante começar a minhas “últimas considerações” enfatizando que, nesta pesquisa, abordo questões que ao meu ver nos interessam porque lidam com discursos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano. Não foi o meu objetivo levantar temas metafísicos tais como o da existência ou não de um mundo *pós mortem* ou da conseqüente permanência da consciência, nem outro tipo de questionamento mais propriamente abordado, por exemplo, pela Teologia. Lido com o mundo dos seres humanos historicamente constituídos, com a linguagem como um sistema simbólico compartilhado e como uma prática social, com a construção narrativa, e com a percepção de que ideologias presentes no discurso podem estar conduzindo a forma dos seres humanos agirem no mundo. Trabalho com narrativas contadas por membros de uma classe de pessoas com educação superior, que poderíamos denominar genericamente de classe média, habitantes da cidade do Rio de Janeiro (a maioria da zona norte) e convertidos a determinadas igrejas evangélicas; assim os resultados devem ser apreendidos localmente.

É muito importante que alguns elementos que aparecem nesta pesquisa não sejam apreendidos como fazendo parte de uma regra. As análises que desenvolvo nesta pesquisa não indicam, por exemplo, que haja, necessariamente, uma afluência preponderante da classe média para as igrejas evangélicas. Embora, como demonstram pesquisas realizadas nos últimos anos (cf. Fernandes, 1994:166), os números de conversões às igrejas evangélicas no Brasil estejam se tornado cada vez mais expressivos através das últimas décadas, há que se considerar que essas mesmas pesquisas mostram que uma parte considerável da classe média tem se afastado de vínculos religiosos (principalmente protestante e católico) e não se voltando para eles, como a análise das narrativas neste estudo poderia levar a crer. Outro fator que devemos também considerar é que vários estudos (cf. Hefner, 1993:04 e 31) mostram que a conversão pode tomar muitas formas, assim, nem sempre a afiliação a uma nova religião implica repúdio ou total afastamento das crenças anteriores como poderia se inferir da análise de alguns trechos das narrativas trazidas aqui.

Durante toda análise procurei destacar a importância dos conceitos, desenvolvidos aqui, de *fluxo de mudança* e de *rede de mudança* para uma compreensão mais precisa do processo de construção das narrativas de conversão e, também, das identidades

sociais presentes nessas narrativas. Ao tomarmos, por exemplo, uma narrativa clássica de conversão como a do apóstolo Paulo, tal como narrada nos evangelhos (em Atos C.9, vs. 1-9, C.22 vs. 1-16, e C.26, vs. 9-18), perceberemos que não temos acesso a outros momentos de sua existência, não sabemos como ele projetava ou lidava com sua identidade social em outros contextos que não aqueles descritos pelo texto bíblico, mas isso, obviamente, não quer dizer que interações em outros contextos não tenham existido, trabalhando dentro de uma *rede de mudança*, gerando o *fluxo de mudança* da sua conversão que culmina no caminho de Damasco.

Todos os narradores descrevem como foram atingidos pela emoção, pela impossibilidade de conter suas lágrimas e como, tomados pelo sentimento de incapacidade que os atingiu, eles se converteram. Vimos, ainda, como esses momentos estavam relacionados com outras facetas de suas existências. Todos os narradores constroem suas narrativas de forma a evidenciar que suas conversões foram fruto de uma ampla rede de acontecimentos e relações sociais. Além de terem estabelecido contato prévio com o grupo religioso ao qual se afiliaram e, estarem, portanto, predispostos aos seus discursos, em suas narrativas podemos encontrar problemas ou motivações que fazem parte da *rede de mudança*, tais como a incapacidade de lidar com aquilo que consideram fraquezas de comportamento, a necessidade de uma vida melhor ou a busca da cura para uma doença. Esses problemas afetaram as suas tomadas de rumo em direção à conversão de modo significativo.

A análise das narrativas mostra que o processo de reconstrução das identidades religiosas foi complexo, já que passaram por muitos estágios antes de se converterem às igrejas evangélicas. Puck foi criado em uma família kardecista/espírita, mas na adolescência se liga ao mundo do *heavy metal*, que o levou a ser uma pessoa contra a religião. Ele diz que, nesse momento de sua trajetória, não acreditava em um Deus tal como postulado na tradição judaico-cristã. Em seguida, influenciado por narrativas de RPG, ele formulou uma nova concepção de Deus, mas essa formulação não tinha nenhum vínculo com qualquer instituição religiosa, apenas estava ligada à comunidade de prática do RPG e se tratava de uma formulação muito pessoal que não encontrou sustentabilidade no mundo social. Ele começa a participar dos cultos da igreja levado por sua namorada, até que se converte depois de passar por vários problemas.

Segundo seu relato, Gloster foi criado em uma família que freqüentava o Candomblé e a Igreja Católica ao mesmo tempo. Depois se ligou ao budismo, freqüentou o kardecismo, começou a participar de várias igrejas evangélicas, se

converteu a uma delas mas, insatisfeito, ainda percorreu outro caminho até se estabelecer como membro de uma igreja com a qual se identificasse.

Cordélia relata que foi criada por uma família cheia de tensões que adotava a Umbanda como a sua principal religião. Em sua estória de vida ela passa por problemas familiares devido ao seu temperamento difícil e, também, por dificuldades afetivas. Após testemunhar a mudança da mãe convertida, ela mesma se converte, não sem antes travar uma luta para dirimir um turbilhão de dúvidas que surgiram na apreensão do novo sistema de coerência.

Miranda diz que foi levada ao Candomblé em sua juventude e nele permaneceu por muitos anos. Como mãe-de-santo ela teve uma atuação relevante naquele contexto religioso. Ela também foi seguidora dos ensinamentos do pensador Osho e se afiliou, durante algum tempo, à Igreja Messiânica. Para Miranda a conversão acontece em um período de grande insatisfação com o Candomblé, no qual, de acordo com sua narrativa, ela dava muito de seu tempo e trabalho e recebia muito pouco em troca. Vimos que em sua construção narrativa ela associa esse enorme peso ao desenvolvimento de uma doença não diagnosticada que a fez sofrer e que a conduziu a escolha de um novo modelo religioso.

Todas as experiências vividas pelos narradores, segundo suas narrativas, os levaram, de forma gradativa, a mudanças de paradigmas na condução de suas identidades sociais religiosas. A análise de suas narrativas de estórias de vida nos conduz à percepção de que as conversões se inserem dentro de uma ampla *rede de mudança* que, por sua vez, levaram os entrevistados ao *fluxo de mudança* caracterizado pela conversão. Embora cada narrador tenha vivenciado trajetórias diferentes, as suas estórias de vida trazem vários pontos em comum:

1) todos possuem algum tipo de socialização religiosa desde a infância (isso, por si só, os torna propensos à experiência religiosa). Puck foi o único que relata ter participado de apenas uma religião, o kardecismo. Gloster, Miranda e Cordélia tiveram experiências que envolviam o sincretismo religioso entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras;

2) todos tiveram algum tipo de contato com o sistema de coerência evangélico, participando de cultos e assimilando os valores da igreja antes de se converterem. Puck fora levado à igreja por sua namorada e já freqüentava com regularidade a igreja antes de se converter. Gloster também já estava freqüentando a igreja há um bom tempo motivado, como ele diz, por sua busca por Deus. Cordélia foi levada por sua mãe, sua

maior influência no processo de conversão, e Miranda, buscando uma solução para os seus problemas de saúde e familiares, pediu para ser levada por uma prima que era evangélica. O impacto da igreja foi tão forte que Miranda se converteu após ir aos cultos apenas algumas vezes;

3) todos passaram por experiências difíceis antes da conversão. Puck se sentia remoído pela culpa de ter desejado outra mulher. Gloster se sentia incapaz de se conter sexualmente. Cordélia se sentia insegura com as práticas religiosa da Umbanda e sofria com a falta de perspectiva de sua vida amorosa e Miranda sofria de uma doença que estava minando suas forças físicas e fazendo a sua família sofrer; e

4) todos consideraram que eram incapazes de vencer as suas dificuldades por si mesmos, sem o auxílio de um Deus tal qual postulado pelas igrejas a que se converteram. Essa percepção é um dos principais fios condutores que os levou à conversão, um processo que, de acordo com suas narrativas, 1) compreendeu a apreensão de alguns aspectos do sistema de coerência evangélico; 2) a exteriorização de suas emoções (veja, por exemplo, o papel do choro na conversão de cada um); 3) a passagem por um rito da igreja (aceitarem a Cristo diante da comunidade e/ou se batizarem) e 4) a aceitação pública das crenças e do modo de conduta que fundamentam a comunidade de prática religiosa a qual se ligaram, bem como a utilização desse novo sistema de coerência para direcionarem suas ações no mundo social.

Ao se alinharem com o sistema de coerência evangélico de suas igrejas os narradores passam não só a encontrar alívio para os seus problemas mas, também, a ter uma percepção tal que os levam a concluir que suas existências são melhores depois de sua conversão. As narrativas estudadas aqui apontam para a percepção de que, como postula Halliday (1992:65), a “linguagem tem o poder de moldar nossa consciência” já que ela é “ao mesmo tempo uma parte da realidade, um construtor da realidade e uma metáfora para a realidade”. Esse processo de mudança, no entanto, não é determinista. Não quero afirmar com isso que a ideologia molda a linguagem (cf. Gumperz e Cook-Gumperz, 1982:03). Na análise, procurei demonstrar, tão somente, que a co-construção da identidade social dos narradores se fez através de uma longa assimilação discursiva, onde a sutil apreensão dos discursos evangélicos, aos quais já haviam, de um modo ou de outro, sido expostos, os levaram ao *fluxo de mudança* da conversão.

Nesta pesquisa os entrevistados constroem suas narrativas de modo a mostrar que a reconstrução de suas identidades sociais se deu através da apreensão de um novo discurso. Para que pudessem fazer parte das igrejas às quais se converteram, eles

precisaram passar por um processo de apreensão discursiva no qual assimilaram um novo sistema de coerência. A sua conversão implicou a necessidade de que eles fizessem parte de práticas sociais específicas que direcionaram o seu posicionamento no mundo de acordo com os discursos assimilados. Dessa forma, Puck teve que se adaptar à imagem que a igreja espera de um de seus membros e Gloster teve que reprimir seu desejo sexual. Cordélia e Miranda tiveram que abandonar as antigas práticas religiosas. Miranda ainda teve que enfrentar as dificuldades de se desligar da rede social que constitui sua religião anterior. Em troca, eles recebem a certeza da atuação de Deus em suas vidas. Enquanto fizerem parte da comunidade de prática discursiva da igreja evangélica, eles serão apoiados por ela, ao mesmo tempo em que a fortalecerão. A assimilação, no entanto, não é algo acabado, mas um processo de constante reavaliação, sujeito a movimentos que podem até levá-los a outro *fluxo de mudança*.

Na análise, também procurei demonstrar como os narradores fazem uso de algumas estratégias discursivas para construir suas narrativas e ratificarem suas escolhas religiosas, suas identidades e, também, a identidade daqueles a que se referem. Dentre essas estratégias se destacam o próprio uso do discurso narrativo como uma tática que implica a co-construção e, portanto, confere ao ouvinte um papel de colaborador ativo na construção de sua história de vida; a escolha lexical, como por exemplo, quando utilizam termos do vocabulário evangélico; o uso de imagens; estruturas sintáticas afirmativas para corroborar suas idéias e/ou imprimir veracidade aos seus relatos; o uso do discurso relatado, através do qual o narrador busca neutralidade ao construir a identidade social das outras pessoas e, conseqüentemente, a sua própria identidade ao transformar os personagens ausentes em recursos para realizar essas construções; e estratégias de repetição a fim de reforçar idéias e conferir veracidade às construções presentes em sua narrativa.

Como enfatizei acima, na análise, procurei mostrar que as narrativas de conversão são construídas de modo que evidenciam um processo que se deu devido o entrelaçamento de uma grande rede de acontecimentos, sentimentos e busca de posicionamentos. Dentro do que tenho chamado de *rede de mudança*, os entrevistados constroem discursivamente como assimilaram um novo sistema de coerência e como as suas identidades sociais foram adaptadas a novos papéis e, conseqüentemente, a novas formas de atuação social. A conversão, que pode ser entendida como consciência de se aceitar essa nova tomada de rumo, é descrita no *fluxo de mudança*. Assim, embora nesta pesquisa eu lide apenas com narrativas de conversão religiosa, compreendo que esses

conceitos também podem ser utilizados no estudo de narrativas de outros tipos de conversão, uma vez que esse tipo de narrativa se caracteriza, notadamente, pelo processo que as envolvem, pelo contato prévio, ainda que por um curto período, com o sistema de coerência ao qual alguém irá se converter e pela percepção de uma transformação significativa na condução identitária daquele que passa pelo processo de mudança.

Outra relevância dos conceitos de *rede de mudança* e *fluxo de mudança* é que estes nos possibilitam a percepção de que, em determinados casos, não é, necessariamente, apenas o contato prévio com um conjunto de idéias que é relevante para que o indivíduo se ligue a um dado sistema de coerência ou seja levado a uma transformação dita radical, com a força de uma conversão. As narrativas analisadas aqui nos mostram que outros fatores podem estar em jogo como, por exemplo, insatisfação em outras áreas da existência (tanto problemas recentes quanto antigos, de difícil resolução), tais como no campo afetivo, da saúde ou sexual. Nas experiências encontradas em algumas narrativas que trago nesta pesquisa, a relação entre esses outros fatores e a conversão são mais evidentes, seja porque as pessoas tinham algum tipo de contato com o grupo religioso ao qual se converteram há algum tempo, e estavam, portanto, predispostas aos seus discursos, ou por trazerem o que posso qualificar de problemas ou motivações que fazem parte da *rede de mudança*. Problemas, que como tenho enfatizado, embora não necessariamente ligados ao aspecto religioso, afetam a tomada de rumo em direção à conversão de modo significante.

Ao construir suas narrativas de conversão, os narradores as transformam em um momento crucial para a conquista de uma existência melhor do que a que levavam anteriormente, na qual não contavam com o aporte do discurso religioso e ainda não participavam da comunidade de prática que constitui sua igreja. Tendo em vista esse aspecto, procurei demonstrar dois pontos importantes. Primeiro, que a conversão não é um movimento individual. Ela demanda a apreensão de recursos simbólicos, modos de interpretar o mundo, expressões e códigos de comportamento que, como coloca Snow (2001:07), “são gerados e empregados durante o curso de esforços de uma coletividade para se diferenciar de uma ou mais coletividades”. Nos casos estudados aqui, vimos que os narradores só puderam narrar suas histórias de vida de conversão religiosa depois da assimilação de uma série desses recursos (como o uso do vocabulário evangélico, narrativas evangélicas que falam de salvação da alma e sobre o fim dos tempos e a perspectiva de mundo evangélico). Essa apreensão demanda algum tipo de experiência

coletiva que, geralmente, se dá no contexto da igreja. Em segundo lugar, demonstrei ao longo da análise que a construção narrativa das experiências de conversão está relacionada à perspectiva que os narradores possuem de seu momento presente, que, no caso, é o de serem convertidos a uma igreja evangélica.

Percebo que ainda há muito que dizer a respeito de como as pessoas desenvolvem a construção do discurso narrativo de conversão, bem como de suas identidades dentro de suas narrativas; no entanto, na análise das estórias de vida que trouxe aqui as noções de *rede de mudança* e *fluxo de mudança* nos ajudaram a compreender não apenas como os narradores constroem suas narrativas de conversão, mas, também, que nossas narrativas e nossas identidades não são construídas ao acaso, nem por forças externas àquelas que se encontram no redemoinho do mundo social.

Ao contar suas estórias de vida de conversão religiosa, os narradores dão sentido às suas experiências no mundo e inserem suas narrativas em uma tradição cristã, que remota a Agostinho (cf. Freeman e Brockmeier, 2001:82) e ao apóstolo Paulo, na qual o relato de conversão também é um instrumento através do qual o crente realiza um processo de auto-exame conduzido pela necessidade de confrontar a si com os desígnios da divindade. Nesse sentido, a narrativa de conversão se torna também um instrumento de convencimento e de reafirmação da fé.

Ao finalizar, considero importante observar que, como coloca Riessman (1993:08), os “investigadores não possuem acesso direto às experiências do outro. Nós lidamos com representações ambíguas das mesmas”. Desta forma, embora lidando com a minha própria representação de suas experiências, espero ter conseguido dar voz àqueles que compartilharam comigo suas estórias de vida de conversão religiosa. Seja no estudo de uma narrativa de conversão clássica como a de São Paulo, que tem na passagem pela estrada de Damasco o seu momento crucial, seja nas narrativas trazidas aqui, os conceitos de *rede de mudança* e *fluxo de mudança* me ajudaram a compreender que, por mais espontânea e repentina que o convertido construa a sua experiência de conversão, ela só foi possível devido a uma trajetória, a uma série de apreensões que demandaram tempo e envolvimento em diferentes relações sociais. Foi assim, olhando tanto para a narrativa de São Paulo quanto para as narrativas trazidas aqui, que pude perceber o quão longo pode ser o caminho que leva até Damasco.